



MEDIAÇÃO ESCOLAR: A POTÊNCIA DO AFETO NA RELAÇÃO INTERSUBJETIVA

Lisiane Catieli Mazzurana¹
Fernanda Serrer Scherer²

RESUMO

O tema estudado é um esclarecimento da importância da mediação e do afeto na relação com o outro desde a Educação Infantil, compreendendo que a escola é um local em que crianças e jovens passam a maior parte do tempo, constroem relações, perpassam pelo mundo do outro que é diferente e criam afetos. O objetivo desse estudo é compreender o afeto como uma potência que qualifica a relação intersubjetiva e como por intermédio da mediação é possível estabelecer um diálogo entre o “eu” e o “outro” conhecendo e respeitando as diferenças que nos tornam quem somos podendo somar na melhoria do papel ativo na sociedade.

Palavras-chave: Alteridade. Diálogo. Emoção.

INTRODUÇÃO

A abordagem que segue traz reflexões apontadas no grupo de estudos da Mediação de Conflitos, tendo como autores trabalhados Lucas (2011), Warat (2001) e Restrepo (2001). Conta também com a contribuição de alguns autores trabalhados na área da pedagogia como Maturana (1998), Síveres (2015) e a proposta da BNCC (2018) sobre o reconhecimento das diferenças.

Relacionar as ideias dos autores com o meio escolar é o resultado do desafio proposto – e aceito – pelo grupo de estudos do curso de direito e busca integrar a área da pedagogia, a qual pertence, com os conhecimentos produzidos pelo direito em relação ao estudo da mediação de conflitos e suas implicações no cenário escolar.

A criança e o adolescente são frequentadores de diversos grupos de socialização, partindo da família para a escola, grupos de danças, jogos de futebol, igrejas, curso de língua estrangeira, entre outros. Nesta socialização se aprende novas formas de ver a vida e com elas surgem os conflitos internos, que vão questionando suas condutas, desejos profissionais, seu

O trabalho é resultado das leituras e debates realizados no grupo de estudos de mediação de conflitos do campus Santa Rosa.

¹Aluna do curso de Graduação em Pedagogia e participante do Grupo de Estudos de Mediação da Unijui – Campus Santa Rosa. catielimazzurana@gmail.com

²Professora do curso de Direito da Unijui e coordenadora do Grupo de Estudos de Mediação - Campus Santa Rosa. fernanda.serrer@unijui.edu.br



futuro e conflitos intersubjetivos, suscitando a necessidade de intervenção e diálogo para a sua administração. Por meio da mediação se questiona e reflete a posição que cada um toma, os benefícios e malefícios que tais atitudes implicam nos aspectos de formação pessoal e social humana.

A abordagem deste tema visa explicitar a dimensão da mediação especificamente na escola e explicitar as potencialidades do afeto nas relações intersubjetivas. O trabalho vem estruturado em dois momentos. O primeiro em que se discute a mediação e sua relação com a escola, como um espaço de diálogo. E o segundo, que trata a potência do afeto nas relações intersubjetivas tendo a mediação como base desta relação.

1 Mediação e Escola: uma relação de diálogo

A mediação nasce quando há um conflito que necessita de uma intervenção. Quando o homem se dá conta que é constituído do “nós” e que as relações existentes são feitas de descobertas estabelecidas pela alteridade, se faz necessária a mediação tendo como principal aliado o diálogo. Este ato de dialogar possibilita aos envolvidos em um conflito que se reconheçam em seus interesses, fragilidades e potencialidades, impedindo a preponderância de uma única verdade. Conforme Lucas,

A mediação exige um estatuto ético de subjetividade que não se esgota na iniciativa do sujeito em direção ao outro, na postura de uma moralidade ou normatividade imperativa baseada numa situação de predomínio ou zona de conforto de identidades, pois nessas condições solipsistas o sujeito não se desprende de si mesmo e permanece na posição central da realidade e do conflito, criando obstáculo à formação de laços de alteridade e reduzindo a compreensão da complexidade do eu semelhante à sua própria identidade (LUCAS, 2011, p. 151).

A relação do diálogo é um exercício diário, uma construção permanente. O diálogo necessita de dois sujeitos ou mais, capazes de se deixar afetar pelo outro na promoção de um encontro, seja ele conflitivo ou não. Um dos pontos importantes é a ética e a responsabilidade que envolve ambas as partes, assim se consegue um diálogo capaz de levar a reflexão e até mesmo a resolução de um conflito.

Para Buber a relação com o outro é “pautada pelo encontro, pela relação e pelo diálogo” (apud, SÍVERES, 2015, p. 39). Esses dois homens que se abrem para o diálogo, se abrem também para a alteridade, alterando e construindo novas formas de ser e se expressar. Pois o



“outro” causa uma certa instabilidade por ser diferente do “eu” em múltiplos aspectos, oportunizando a reflexão de condutas, complementando e gerando harmonia na relação.

Durante os encontros do grupo de Mediação nos deparamos muito com a escola como um lugar de relacionamento e constituição de saberes, percebendo que o diálogo é a ligação entre a relação professor/aluno e aluno/aluno, potencializando o vínculo afetivo entre eles.

A escola é um ambiente frequentado por diferentes particularidades como, pais, professores, funcionários e alunos. É um ambiente propício para o surgimento de conflitos, e é necessário saber conduzi-los, para que estes não atrapalhem o desenvolvimento dos alunos, mas auxiliem no crescimento individual e coletivo, na razão e no afeto.

Desde a sua criação, a escola foi pensada como uma fábrica de sujeitos obedientes, neutros, consumistas e que se adequem a um “padrão” para facilitar o controle de pensamentos. De acordo com Moreira e Candu (2003) ao invés de continuar essa tradição, a escola está lidando com a diversidade cultural e necessita reconhecer o diferente e dar espaços para a diversidade e para o encontro de culturas.

Tendo o papel de educar para o mundo humano, a educação hoje tem dificuldade de se relacionar com o próprio aluno, de transmitir cultura, por haver vasta tecnologia e preocupação em prender a atenção do educando o maior tempo possível. “A escola, [...] mais que a transmissora da cultura, da ‘verdadeira cultura’, passa a ser concebida como um espaço de cruzamento, conflitos e diálogo entre diferentes culturas” (MOREIRA, CANDU, 2003 p. 160). Desta forma, passa a ser valorizada uma educação que pense no humano, na qualidade de vida futura, em novas relações culturais e nos possíveis conflitos que irão surgir, pois estes se fazem necessários para que a educação amadureça e se fortaleça.

Para Moreira e Candu (2003, p. 167) “favorecer o processo de reinventar a cultura escolar não é tarefa fácil”, necessita mais do que vontade dos educadores, é necessária perseverança, apoio das ordens políticas, desejo de uma educação pensada na democracia e na sociedade, “construídas na articulação entre igualdade e diferença, na perspectiva do multiculturalismo emancipatório” (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 167).

A escola e em especial a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. Neste período, o afeto é um dos pontos que fortemente está presente, sendo positivo ou negativo, influenciando nas escolhas das amizades, nas linguagens, nos esportes, nos grupos culturais. É neste espaço que a criança cria e recria brincadeiras e fantasias, constrói e amplia suas relações, se separa da família para descobrir um outro mundo de socialização, no



qual passa a ter mais contato com frustrações, conflitos, emoções e afetos, pois precisa dividir o espaço, as atenções, brinquedos e jogos com outras crianças que vêm de ambientes sociais, econômicos e culturais diferentes.

A BNCC para a Educação Infantil, prioriza o cuidar e o educar como sendo os dois pilares para o desenvolvimento da criança junto com as experiências que ela vem realizando neste processo de aprendizagem e amadurecimento. A interação também é um aspecto importante pois,

durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BNCC 2017, p. 35).

A escola como um espaço de socialização é também um campo de maus-tratos e intolerância, pois os alunos vêm de seus ambientes repletos de significações, com afeto, cuidado, mas também com violências e agressões, a escola passa a ser um espaço de reprodução do que eles vivem nas relações extramuros escolares e na família. Com essas relações em crise percebe-se que,

[...] padecemos de um analfabetismo afetivo que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento. Analfabetismo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana. Basta lançar um olhar à família para dar-nos conta do montante de sofrimento que carregamos e constatar que aquilo que por definição deveria ser um ninho de amor se converte frequentemente em foco de violência. [...] Dor e entorpecimento de que ninguém escapa em nossa cultura, pois se alguma coisa está democraticamente distribuída na sociedade contemporânea, é o torpor afetivo. (RESTREPO, 2001, p. 20).

Neste sentido a escola deve ter consciência deste importante papel, de educar os alunos para o afeto, para deixar-se sentir, para de fato se relacionar não só com o outro, mas também com o meio ambiente. A escola tem o dever de proporcionar momentos de reflexão, diálogos e práticas que somadas as atividades das diversas áreas do conhecimento dão aos alunos meios de se relacionarem “[...] ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de cuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio” (BNCC, 2017, p. 36).

Esse meio que para Arendt (1992) está em crise, pelo fato de que nas questões políticas a razão humana falha ou desiste de buscar respostas para o melhoramento da educação e da



sociedade. Essa crise resulta no desaparecimento do senso comum, o que dificulta fazer não só “escolas para todos, mas as mesmas escolas para todos” (LARROSA, 2013).

Arendt (1992) defende uma ideia de escola democrática, comum, por intermédio da qual se constitui a educação que se busca, aquela que introduz a criança no mundo e não apenas a apresenta, uma educação que zele pelo seu amadurecimento, que se relacione com o diferente, que não seja excludente, que conheça o valor da autoridade sem conhecer o autoritarismo. Uma educação que se decide amar o mundo, as crianças e os jovens, para que um dia possam eles assumir as responsabilidades de “renovar” e não apenas dar continuidade à tradição.

2 Mediação e afeto na relação intersubjetiva

O mediador para obter sucesso em sua mediação precisa conhecer seu papel, saber o que deseja e proporcionar um resgate no relacionamento entre as partes envolvidas em um conflito. Precisa saber que existe um tempo “que aponta a sensibilidade como o tempo do amor, é o tempo em que existe Kairos: o momento certo, o instante propício para agir, lapso de crise, ocasião para a decisão” (WARAT 2001, p. 38).

O professor como sendo o mediador tanto do conhecimento como dos conflitos precisa estar ciente que os alunos são compostos por sentimentos que não cabem a eles serem desejados ou não, mas sentidos. Por isso “a mediação que aponta a sensibilidade, com a ajuda do mediador, procura que as partes deixem de sentir o conflito a partir de seus egos” (WARAT, 2001, p. 39), assim os conflitantes projetam-se para além de suas relações egocêntricas permitindo-se pôr-se de frente com o outro implicando-se e deixando-se implicar, em um diálogo como aceitação da outriedade. Assim,

a mediação pode ser definida como um método consensual aplicado para a solução de conflitos, visando o restabelecimento da comunicação entre os conflitantes. A mediação é marcada pela capacidade de proporcionar o resgate do relacionamento entre os envolvidos, especialmente nas relações continuadas, evitando a resignificação do conflito aparente e permitindo a participação efetiva dos sujeitos na busca de uma real e verdadeira postura democrática em suas relações intersubjetivas (SERRER; FORMENTINI, 2017, p. 1954).

O papel do educador perpassa por todas as áreas científicas, intelectuais e tecnológicas, e geralmente o afetivo não é um dos aspectos previstos a serem trabalhados. Sendo o afeto que faz dos alunos pessoas mais sensíveis à realidade, mais humanos, é a área que mais deveria ser trabalhada fomentando relações intersubjetivas tendo como ponto de partida o diálogo. Como



diz Maturana “não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção” (MATURANA, 1998, p. 23). Ele trata a emoção vista no âmbito do amor como sendo algo fundante na vida do ser humano e, ressalte-se, como sendo algo fundamental nas escolas, pois é neste ambiente que crianças e jovens convivem diariamente construindo e dando significado às aprendizagens, devendo também ter a emoção/afeto para dar sentido.

Maturana (1998) traz o amor na relação e aceitação do outro para uma melhor convivência, não como algo sentimentalista, mas como parte da nossa criação,

O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência não há fenômeno social (MATURANA, 1998, p. 23).

Na relação entre dois sujeitos principalmente no período escolar quando se está na fase da criação de vínculos é indispensável o desabrochar do afeto, é ele quem traz sentido ao que fazemos e somos. Nossas escolhas, atitudes, são reflexos do nosso afeto. Somos o que somos porque outras pessoas nos ensinaram a importância do amor, nos ensinaram a ter afeto, e na falta dele somos sujeitos com vazios a serem preenchidos por qualquer coisa que seja capaz de preencher esse espaço. O que nos leva a termos uma vida de erros, escolhas indesejadas, conflitos que podem resultar em agressão e violação do outro.

Quando uma criança que já diferencia o certo do errado e em casa não tem o afeto necessário para crescer e se constituir como um sujeito saudável, é na escola que ela busca saciar esse desejo. No entanto, como muitas vezes não sabe expressar o que sente é comum que seja má interpretada levando rótulos dados por colegas e até mesmo professores como sendo uma criança preguiçosa, mal-educada, “sem futuro”, entre outros apelidos que desconstituem o educando com sujeito em desenvolvimento.

É aqui que entra a mediação, quando se tem alguém que se preocupa com o bem-estar de outros e deseja que se alcance a felicidade se constituindo como bom cidadão, a mediação é capaz de ajudar muito a compreender as escolhas erradas tomadas por jovens adolescentes. Professores que se importam com seus alunos, com os cidadãos que estão formando buscam, por meio da mediação construir um relacionamento de diálogo tanto com a turma quanto com o aluno em particular, sabem que são espelhos a serem seguidos e sabem também que com um



bom relacionamento construído a base da confiança e do diálogo podem mudar a vida de muitos alunos.

A mediação sempre vem acompanhada do afeto, e são esses dois aspectos que fazem a relação intersubjetiva acontecer, por isso Warat (2001, p. 33) afirma que,

os caminhos da mediação podem ajudar a recuperar os sentimentos que fazem o que somos; a desfazer-nos das camadas superficiais para sermos muito mais íntegros nos confrontos com o outro. Essa é uma forma de poder sentir-nos desde o sentimento do outro, integrando-nos ao sentimento do outro.

A mediação, em uma primeira aproximação, não seria outra coisa do que a realização com o outro dos próprios sentimentos. Fazer mediação nada mais é que viver, viver em harmonia com a própria interioridade e com os outros, viver em harmonia com a própria reserva selvagem (2001, p. 33).

Para Warat (2001), a mediação também é uma possibilidade de poder dizer o que nos sobrevém, é a “procura do próprio ponto de equilíbrio”, um equilíbrio entre as emoções, para desviar os sentimentos exagerados, é a capacidade de produzir sensibilidade, sensibilidade está que perpassa o outro. Deste modo é deixando de lado a superficialidade nos relacionamentos que vamos construir espaços de vivência em harmonia e de sentir com o “outro”.

Quando inicia a vida escolar a criança logo faz amizades, embora não seja um lugar que muitos gostem de estar por se sentirem abandonados pela família, porém, ela vai se adaptando e firmando relacionamentos com pessoas diferentes, que pensam diferente dela, brincam de forma diferente, fazem a mesma coisa de forma diferente, e é esse diferente que vai ajudar na construção de um relacionamento com base no afeto, pois “precisamos amar e ser amados, sermos reconhecidos pelo outro como sujeito de afetos” (WARAT, 2001, p.51).

Dom Bosco, fundador da Congregação Salesiana é um sonhador e idealizador de uma educação pautada no humano, na esperança de dar um novo sentido a jovens que não tinham condições de receber educação por haver necessidade de ajudar no sustento da casa ou àqueles que saíam dos presídios sem esperança de um futuro melhor. Dom Bosco conhecido também como pai e mestre da juventude, cria o sistema preventivo, sistema esse baseado numa das cartas de São Paulo sobre a caridade, “a caridade é paciente, benigna, tudo sofre, tudo espera e suporta qualquer incômodo e sem ela eu nada seria” (1º Coríntios 13). O sistema preventivo é um compromisso não só com a educação, mas também com a evangelização, é “prevenir e não reprimir”. Possuindo diversas características neste sistema se destaca a *amorevolezza*,



esta amabilidade é o amor que se transmite e testemunha a alma da vida, que sustém uma relação racional e amável entre educador e educando, entre pai e filho, entre animador e jovem. Não é um simples instinto ou uma formalidade aparente, mas uma forma inteligente de estabelecer relação na qual estejam em jogo o afeto, o respeito, a exigência, as boas maneiras e os gestos para com o outro. Assim, a amabilidade salesiana é familiaridade, como uma relação paterno-filial mais do que como uma relação entre irmãos, que comporta direitos e deveres, exigências e responsabilidades, dar e receber (FIALHO, s.d).

A palavra *amorevolezza* não é traduzida em seus escritos pessoais por não ter nenhuma palavra que traduza sua essência, é uma expressão que contém muitos significados como, amabilidade, afeto, benevolência, traduzidos em sentimentos de amor. Era desta forma que Dom Bosco educava seus meninos, com amor assistencial e educativo, pois para ele “basta que seja jovem para que eu vos ame”. Queria que os meninos sentissem e praticassem essa *amorevolezza* que ele sentia por eles, pois sabia tocar até os corações mais duros. Dom Bosco era um praticante da mediação e a aplicava diariamente em cada relação que estabelecia com algum de seus jovens, na conquista da amizade e da confiança criando uma afinidade onde um perpassa o outro. Ele costumava ter diálogos noturnos logo após a janta, onde ensinava os jovens a perceber, compreender e praticarem os conhecimentos do sistema preventivo com amor e alegria.

Cada pesquisador, educador, tem sua peculiaridade de falar de afeto, mas sabemos que ele é a chave para a mudança na educação e na sociedade, que ele nos constitui sujeitos que amam não pelos adjetivos que ele traz, mas pela intensidade do viver e pelas relações que estabelecemos uns com os outros em que nos deixamos modificar para sermos melhores a cada dia.

Não se trata somente de defender a mediação, bem como a afetividade na educação, se trata de compreender que tanto a razão quanto o afeto/emoção são particularidades do todo que é o ser humano e que sem ele não somos completos, por isso que,

Entender o ensino como uma formação da sensibilidade dá ao pedagogo o perfil de um esteta social, alguém que tem como matéria-prima o corpo, a fim de modelá-lo a partir de uma certa idealidade, provocando o gesto a partir da linguagem com o propósito de favorecer a emergência de sensibilidades e afeições que têm como paradigma a aproximação delicada à realidade do outro (RESTREPO, 2001, p.36).

Ter um ensino com base na sensibilidade e no diálogo é ter um ensino voltado para a humanização, é estar preocupado com o amanhã, é querer uma aproximação entre os “outros”



que estão próximos e que são diferentes. Buscar uma educação com mediação e afetividade é buscar uma sociedade mais equilibrada e conhecedora das suas potencialidades.

Querer um ensino baseado no afeto e no diálogo é querer uma sociedade saudável, que reconhece o outro como alguém que o constitui, que faz parte da sua formação humana. É querer um espaço no qual se pode falar sobre o que se sente sem ser julgado, mas compreendido. É estar disposto a abrir mão de suas certezas para construir uma certeza comum. É dialogar sem se preocupar em estar certo ou errado, em chegar a um determinado consenso, mas se deixar perpassar pelo outro deixando que ele faça a diferença. É ter ética e liberdade, é compreender que o conflito sempre leva a algum lugar, e que de preferência seja no entendimento que as coisas podem ser diferentes e melhores sem levar a destruição total do ser humano.

Desejar uma sociedade que sabe amar, que deseja o amor e que queira que ele faça parte do que construímos é “ouvir nosso próprio corpo quando sente” (WARAT 2001, p 32), é saber dialogar, é valorizar nossos afetos, é saber senti-los. Uma educação que priorize o afeto como forma de construir bons cidadãos é uma educação que ensina que a vida é muito mais que áreas do conhecimento, é convivência, é relacionamento, são conflitos que geram reflexões, se preocupa com o todo do ser humano e não somente com seu corpo e intelecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje a educação caminha para um aprendizado de uma democracia e a escola está com dificuldades de formar alunos com atitudes, com emoções bem resolvidas, com liderança e tão pouco para o mercado de trabalho. Muitas escolas continuam formando pessoas passivas, consumistas e acreditam estar fazendo o melhor que pode para a mudança acontecer.

É necessária uma mudança de pensamento tanto dos educadores quando da instituição escolar para pensar o todo que a educação abrange e não somente as reproduções das heranças dos nossos antepassados. E sabe-se que boa parte desta mudança está nas mãos do professor que diariamente se relaciona com os alunos.

O pedagogo quando estabelece uma relação de diálogo com seus educandos consegue transmitir afeto na hora de ensinar, cria um vínculo e com isso faz ser menos dolorida a aprendizagem, pois não parte somente da razão e do seu autoritarismo.

Percebe-se que o afeto na relação intersubjetiva não é somente um meio, mas ele é o veículo para que haja uma troca de sentires, um conhecer-se mútuo, ressaltando o respeito nas trocas intersubjetivas e o cultivo da arte da escuta ativa. Pois nesta relação de afeto tem-se o



diálogo, atitude essa que necessita ser escutada, sentida e pensada, para que se alcance uma empatia entre as duas pessoas.

Espera-se que trabalhando a mediação dentro das escolas e potencializando o afeto na relação intersubjetiva possamos ter alunos mais preocupados com as causas sociais, com o meio ambiente, que sejam futuros adultos empáticos sem medo das críticas da sociedade e que se permitam emocionar-se e conhecer-se como ser que ama e deseja ser amado.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. Disponível em:
<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/arendt-a-crise-na-educacao.pdf>
Acessado em: 25 de set de 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017 – 3ª Ed.
- FIALHO, João. **O que diz Dom Bosco de... Amorevolezza**. Pastoral Juvenil Salesianos Portugal. S.d. Disponível em:
<<http://www.pastoraljuvenil.salesianos.pt/index.php/comunicacao/dossiers-2/o-que-diz-dom-bosco-de/730-o-que-diz-dom-bosco-de-amorevolezza>> Acessado em 25 de set de 2018
- LARROSA, Jorge Bondía. **Desafios da Educação**. Espanha/NIVESP. YouTube, 15 de mai de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AzI2CVa7my4>> acessado em 26 de set de 2018.
- LUCAS, Doglas C.; SPENGLER, Fabiana M. (orgs.). **Justiça restaurativa e mediação: políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais**. Ijuí/RS: Ed. UNIJUÍ, 2011
- MATURANA, Humberto. Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento. In: **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte/MG: UFMG, 1998.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, 2003, n.23, p.156-168.
- RESTREPO, Luis C. **O Direito à Ternura**. Tradução de Lúcia M. E. Orth – Petrópolis, RJ: Vozes 2001 3ªEd.
- SERRER, Fernanda; FORMENTINI, Fernanda. **Mediação Escolar: a Atuação do Projeto de Extensão Universitária Conflitos Sociais e Direitos Humanos da UNIJUÍ, RS**. Revista (Re)Pensando Direito v. 7, p. 188-198, 2017. Disponível em
<<http://local.cneccsan.edu.br/revista/index.php/direito/article/view/561>> acessado em 25 de set de 2018.
- SÍVERES, Luiz. Pedagogia da presença – o pressuposto dialógico. In: **Encontros e Diálogos – Pedagogia da presença, proximidade e partida**. Brasília/DF: Unesco, 2015
- WARAT, Luís A. **O Ofício do Mediador**. Florianópolis/SC: Habitus, 2001